

Apresentação Volume Temático

Bilinguismo para surdos: Um olhar histórico, social, educacional e linguístico

Kleber Aparecido da, SILVA (UnB)¹
Sônia Margarida Ribeiros, GUEDES (UnB/SEEDF)²
Tatiana Rosa Nogueira, DIAS (UnB)³
Adolfo, TANZI NETO (UFRJ)⁴
Patrícia, TUXI (UnB)⁵
Cynthia Moraes, TEIXEIRA (IFSP)⁶

Propomos o presente dossiê evidenciando que apesar da importância da língua de sinais para surdos ser reconhecida como língua desde 1960, por meio de trabalho desenvolvido por Stoke, na Língua de Sinais Americana (QUADROS, 2019; GESSER, 2009). No Brasil, o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ocorreu recentemente, em 2002, com a Lei de Libras, nº 10436. Entendemos que o contato com a língua para as crianças surdas é essencial, assim como para qualquer criança ouvinte em sua língua materna. As crianças, no convívio com a comunidade linguística, se relacionam, falam e se comunicam, são inseridas socialmente. Historicamente, isso não tem sido uma realidade para as crianças surdas, privadas do contato com a língua de sinais. O diálogo entre direito e cidadania, direito e diversidade, direito e valorização humana, direito e escolarização de qualidade, há anos faz parte dos momentos notadamente importantes na luta pelos direitos dos surdos. Reconhecer e aceitar a Língua Brasileira de Sinais é um dos passos na luta pelos direitos a educação igual para todos, valores propostos pela educação inclusiva, herança da modernidade e gradual conquista aos direitos

¹ Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas; <https://orcid.org/0000-0002-7815-7767>; kleberaparecidodasilva@gmail.com.

² Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas; <https://orcid.org/0000-0003-3377-3985>; son.ninha@hotmail.com

³ Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7851-6539>; trndias@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0347-7077>; adolfofotanzi@letras.ufrj.br

⁵ Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0210-5303>; ptuxiinterprete@gmail.com

⁶ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-1685-2171>; cynthia.ifsp@gmail.com

humanos. É preciso também aceitar e considerar a cultura, a identidade, a visão de mundo do sujeito surdo; assim como a sua segunda língua no Brasil, a língua portuguesa.

Os esforços, a consolidação e o êxito de uma educação bilíngue para surdos se fazem, portanto, irreversíveis. Com a finalidade de refletir, analisar e problematizar as práticas de educação dos surdos é que se propõe essa temática “Bilinguismo para surdos: um olhar social, educacional e linguístico. Buscamos, com isso, trazer experiências e discussões sobre as práticas adotadas, refletir sobre as necessidades educacionais e linguísticas do surdos, assim como, os determinantes históricos, sociais, linguísticos e culturais que influenciam na educação bilíngue dos surdos.

Para que pudéssemos evidenciar refletir as práticas relacionadas à comunidade surda, dividimos presente dossiê em três partes: a primeira evidencia as políticas públicas e o bilinguismo, como parte teórica e essencial para a educação surda. A segunda parte evidencia os multiletramentos e as práticas pedagógicas relacionadas à educação surda. A terceira parte relaciona a lexicografia e a terminologia como parte linguística essencial para a difusão e o entendimento referente à Língua de Sinais Brasileira.

Na primeira parte que tratamos de políticas e bilinguismo, iniciamos o dossiê com o artigo “Letramento, bilinguismo e empoderamento feminino surdo: uma análise crítica”, o qual evidencia como o bilinguismo e o letramento são essenciais para o fortalecimento da comunidade surda; logo após, temos o artigo “A questão do bilinguismo: uma discussão teórica sobre os conceitos de bi, multi e plurilinguismo na educação para surdos”, o qual as autoras, Larissa Härter e Flávia Borges, retomam a questão dos conceitos que temos de bilinguismo, evidenciando a diferença dos conceitos bi, multi e plurilinguismo.

Como terceiro artigo, temos “Bilinguismo na educação dos e para os surdos: uma discussão reflexiva sobre a política educacional e linguística”, que as autoras, Marisa Dias Lima e Lázara Cristina da Silva, retratam a questão do bilinguismo e as políticas educacionais e linguísticas existentes, problematizando-as. No quarto artigo, temos “Bilíngues clandestinos: condições epistemológicas da educação linguística dos surdos no século XX”, os autores Pedro Henrique Witchs e Keila Cardoso Teixeira questionam as questões do bilinguismo como políticas de educação linguística no século XX. Após, teremos o artigo “Reflexões sobre o bilinguismo na educação dos surdos: um enfoque psicanalítico”, em que as autoras, Lais Fernandes Silva, Sofia Nery Lieber, Janice Gonçalves Temoteo Marques e Kelly Cristina Brandão, retomam a questão do bilinguismo frente à psicanálise.

O sexto artigo “Percurso histórico da luta político-ideológica dos surdos brasileiros por direitos sociais, linguísticos e educacionais”, o autor Fábio Bezerra de Brito retoma os aspectos históricos da luta política dos surdos. O sétimo artigo “Mimografia ou dos rastros da língua de sinais como Patrimônio cultural”, as autoras, Aline Lima da Silveira Lage e Celeste Azulay Kelman, lançam um olhar sobre a

valorização de outros autores surdos na luta pela valorização da língua de sinais. O oitavo artigo “Aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua para alunos surdos: o atendimento educacional especializado no ensino superior”, Valéria Simplício da Silva, Miguel Angel Garcia Bordas e Raquel Pereira Lima analisam a questão do atendimento educacional especializado sob a perspectiva do ensino em grau superior.

Como o último artigo da primeira parte, temos “Ensino bilíngue inclusão de estudantes surdos no ensino regular: análise de uma carta aberta dos primeiros doutores surdos brasileiros em educação e linguística”, em que os autores Letícia Jovelina Storto, Luiz Renato Martins da Rocha e Gilmar de Carvalho Cruz fazem a análise de uma carta aberta evidenciando os problemas encontrados no ensino regular pela comunidade surda.

Na segunda parte evidenciamos multiletramentos e práticas pedagógicas. O primeiro artigo dessa parte, o décimo, com o título “Narrativa sobre docência na educação de surdos”, os autores Lodenir Becker Karnopp, Joseane Veloso Zanini e Juliana de Oliveira Pokorski analisam narrativas de docentes e a relação dos mesmos com a questão da surdez. No décimo primeiro artigo temos “Aprendizagem da língua escrita por crianças surdas” em que o autor André Nogueira Xavier evidencia outro aspecto de letramento que é aprendizagem de língua escrita por crianças surdas.

O décimo segundo artigo é “O fotojornalismo como prática pedagógica no ensino de língua portuguesa como segunda língua e na formação crítica e reflexiva de alunos surdos do ensino médio”, em que as autoras Poliana M. Cavalcante Doi e Ivani Rodrigues Silva evidenciam o fotojornalismo como prática viável para o ensino e a formação crítica dos alunos. O décimo terceiro artigo “Palavreando: uma proposta de aplicativo educacional móvel de aprendizagem de palavras em Português-Libras para surdos” a autora Jéssica Vasconcelos Dorta evidencia o aplicativo Palavreando, indicando os possíveis benefícios da utilização da ferramenta.

O décimo quarto artigo “Minha língua, minha história, meu processo de escolarização: narrativas de si de docentes surdos”, as autoras Simone Maria Da Rocha e Isabelle Pinheiro Fagundes evidenciam a questão da narrativa como o processo identificação de docentes surdos. O décimo quinto artigo finaliza essa parte tendo como título “Surdos e o WhatsApp: uma análise de comunicação digital entre sujeitos bilíngues”, em que os autores Tatiane Folchini dos Reis, Ygor Corrêa e Jacques Lima Ferreira evidenciam o letramento digital como forma efetiva de comunicação.

Na terceira parte temos artigos que evidenciam a lexicografia e a terminologia, aspectos linguísticos que propiciam uma análise e adequação a uma educação bilíngue. No décimo sexto artigo temos como título “Elaboração de glossário bilíngue Libras-Português dos termos da matemática: análise de obras termigráficas em 4 línguas de sinais disponíveis em plataformas online”, Rodolpho Pinheiro

D’Azevedo evidencia obras realizadas em outros países com tradição na elaboração de obras lexicográficas em línguas de sinais, como Estados Unidos, França e Reino Unido.

O último artigo do dossiê possui como título: “Dicionário de Libras: proposta basilar bilíngue de um roteiro lexicográfico e ou terminológico”, em que os autores Leandro Andrade Fernandes e Vanessa Regina Duarte Xavier evidenciam a importância dos microparadigmas a estarem presentes em um verbete que leve em consideração a Libras e não a Língua Portuguesa, como a utilização do sistema brasileiro de escrita para as línguas de sinais – ELiS, na definição e na entrada do verbete, sem o uso de ilustrações para designar o referente na Libras, de forma a valorizar os seus elementos fonológicos.

Dessa forma, evidenciamos a questão política educacional e linguística que envolve a questão do bilinguismo relacionado a surdez e desejamos uma boa leitura e boas reflexões.

Referências

- GESSER, A. LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- QUADROS, R. M. LIBRAS – Linguística para o Ensino Superior – vol. 5. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.